

O centenário Instituto Butantan

“Uma descoberta científica, seja qual for, não é nunca uma obra de um só homem; custou muitas vigílias dos que a ela prestaram concurso.”

(Louis Pasteur, 1858)

Helio Begliomini

Em 1888, ano da abolição da escravidão no Brasil, era criado, na cidade do Rio de Janeiro, o Instituto Pasteur, com o objetivo precípuo de pesquisar uma vacina contra a raiva, intento esse motivado, sobretudo, por grassar uma epidemia dessa moléstia infecciosa, inexoravelmente mortal.

Em 1893, Adolpho Lutz enviou Vital Brazil, seu mais novo assistente, a Santos pois estava ocorrendo um surto epidêmico de cólera na Hospedaria dos Imigrantes, além da febre tifóide, também conhecida como “cansa-médico”. Vital Brazil não somente conseguiu identificar por meio de culturas o bacilo da peste, como também se empenhou em mudar as condições precárias de saúde e higiene da população. Posteriormente, afastou-se do serviço público e transferiu-se para a cidade de Botucatu, interior paulista, onde trabalhou como clínico.

Naquela época, o Estado de São Paulo registrava anualmente cerca de três



Vital Brazil (1865-1950)

mil acidentes com animais peçonhentos. Vital Brazil iniciou suas experiências com cobras em 1896, ocasião em que teve contato com vítimas de picadas de cobra, ao mesmo tempo em que desenvolvia pesquisas para o Instituto Bacteriológico, atual Instituto Adolpho Lutz.

Vital Brazil, que era formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi o fundador do Instituto Butantan, inaugurado oficialmente em 23

de fevereiro de 1901 e tombado como patrimônio histórico e paisagístico em 1981. Tratava-se de uma fazenda adquirida pelo governo, onde foi alojado um laboratório improvisado para a produção de soro antipestoso, uma vez que a peste bubônica multiplicava-se no porto de Santos. Além do laboratório, havia uma modesta enfermaria adaptada dentro de uma cocheira; um alpendre para sangria de cavalos imunizados e um pavilhão para acondicionamento e distribuição de soros. São palavras de Vital Brazil: “Foi aí nesse ambiente paupérrimo, onde o desconforto corria parelhado com a impropriedade das instalações, que tiveram início os primeiros trabalhos técnicos do Instituto Butantan”.

O Instituto Butantan teve como primeiro nome Instituto Serumtherápico e, já em 1901, foram entregues à população as primeiras produções de soros antipestosos e antipeçonhentos. Desde então, já foram produzidos mais de 540 milhões de doses de vacinas e 35 dife-

rentes tipos de soros. Sua produção é totalmente enviada ao Ministério da Saúde, que a redistribui às Secretarias de Saúde dos Estados. Hoje em dia, o Butantan é um centro de pesquisas biomédicas integrante da Secretaria de Governo do Estado de São Paulo, que, em virtude de sua importância, foi escolhido para albergar uma das fábricas de hemoderivados que serão construídas no Brasil.

O Instituto Butantan tem incorporado atualmente avanços em biotecnologia e engenharia genética, como ferramentas de vanguarda na produção de seus produtos imunobiológicos. Em seu complexo, conta com o Hospital Vital Brazil, onde são atendidos vítimas de acidentes com animais peçonhentos; o Laboratório de Artrópodes, onde são identificados escorpiões e aranhas; o Laboratório de Herpetologia, que identifica cobras; o Laboratório de Entomologia, onde são identificadas taturanas e insetos; o Serviço de Aconselhamento

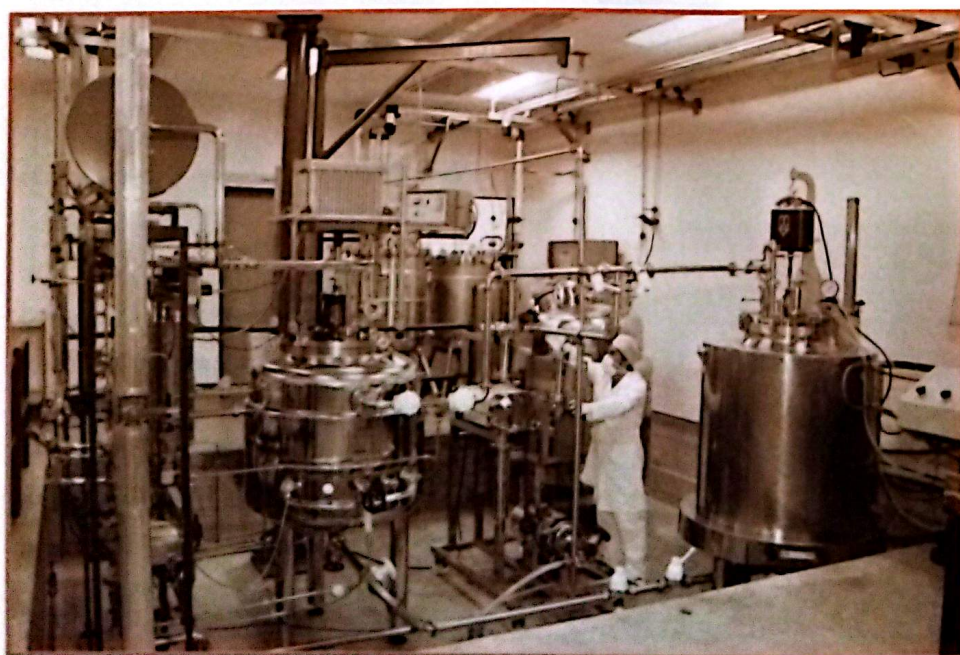


Cocheira da Fazenda Butantan, onde Vital Brazil iniciou seus primeiros trabalhos

Genético, com finalidades de diagnóstico e orientação, disponibilizado aos portadores de anomalias hereditárias; uma biblioteca especializada, com mais de 60 mil volumes, além de quatro museus: o Biológico, instalado na cocheira construída em 1920, exibe serpentes vivas do Brasil e de outras partes do planeta em seus habitats naturais; o Microbiológico, inaugurado em 2002, reúne modelos tridimensionais de protozoários, bactérias

e vírus; o Museu ao Ar Livre, onde, através de 21 painéis, contam-se a história e a evolução biotecnológica do Instituto Butantan, e o Museu Histórico, onde, baseado em fotografias e documentos antigos, objetiva-se reconstruir as precárias e, por isso mesmo, meritórias condições do trabalho de Vital Brazil na preparação do soro antipeçonhoso.

O centenário Butantan, aliado, infelizmente, a outras poucas instituições tradicionais congêneres, encerra parte da história e da glória, não somente de centros de pesquisas nacionais, mas também de abnegados e geniais cientistas que honraram esta nação e deixaram seus nomes indelevelmente marcados na saga da ciência brasileira.



Laboratórios modernos do Instituto Butantan

Helio Begliomini
é membro da Academia de Medicina de São Paulo, da Academia Cristã de Letras, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) e da Academia Brasileira de Médicos Escritores (Abrames)

Aquele velho, o ancião anonimizado

Arary da Cruz Tiriba

Tenho vontade de narrar aos doutorandos e aos médicos-residentes a história a seguir. Confesso, já tentei, mas ao final me embarga a voz e marejam os olhos. Pouco mais de cinco anos de diplomado, por volta dos 30 de idade, eu já era considerado um *expert* em doenças transmissíveis. Pudera, durante anos residira no Hospital de Isolamento Emílio Ribas, atendendo toda espécie de pacientes de doenças contagiosas. Por isso, o Secretário de Saúde do Governo do Estado, professor Walter Sydnei Pereira Leser, incumbiu-me da tarefa: investigar os casos supostos de febre tifóide procedentes da Praia Grande, na Baixada Paulista.

A doença, que se transmite pela água contaminada através de fezes humanas, é conhecida, também, como a doença das mãos sujas; em inglês, a dos cinco F: *faeces, fingers, foods, flies, fomites*. Os pacientes sob suspeita, pouco mais de dezena, encontravam-se na Santa Casa de Misericórdia de Santos. Assumi o encargo com satisfação e não era para menos. Nascido em Santos, no bairro, à época, pobre do Macuco, atuara intensamente na mesma Santa Casa, durante as férias na Faculdade, como enfermeiro prático; então, procedia aos curativos nas enfermarias, de Cirurgia, pelo doutor Marcilio Ferraz, o notável cirurgião-geral da cidade, e de Medicina, pelo doutor Leoncio Resende, o *Miguel Couto* santista. Era oportunidade, portanto, de retornar à casa própria, para esclarecer sobre a situação preocupante. Envaideci-me pela importância de descer a Serra do Mar na viatura oficial e ser recebido como a autoridade técnica da capital. *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas...*

De pronto, fui conduzido à enfermaria que tão bem conhecia. Ouvi, examinei, um a um, os tais doentes da febre entérica.

Convenci-me, não se tratava da febre tifóide. Tudo não passava de tremenda reação vacinal. A injeção da vacina antitifoídica que lhes fora aplicada provocara inflamação local, dor-de-cabeça, desconforto, febre, nada mais. Por fim, fui levado ao último paciente da relação, numa enfermaria de dois leitos. O segundo leito era ocupado por alguém que não integrava a série; vislumbrei o seu ocupante, um ancião: branca barba, raros cabelos, desalinha-dos, encanecidos, sem vitalidade. Senectude retratada! Velho, simplesmente, igual a tantos... A partir do instante, concentrei a atenção no homem da Praia Grande; com ele, dispendi o tempo suficiente para interrogatório, exame físico e análise dos testes laboratoriais. Ao encerrar a missão, sem olhar para o velho, já me retirava, quando ele nomeou:

O senhor é o doutor A... C... T... Tratamento respeitoso! Com nome e sobrenome! Surpreso, voltei-me para ele, só então atentamente. O seu estado era caquético, emaciado, consumido. A coloração era amarelo-palha, o olhar sem brilho. Era a imagem da capitulação, da resignação. Em confronto com os meus 30, atribuí-lhe uns setenta e tantos anos. Quem seria? Confirmei, intrigadíssimo:

– Sim, sou o doutor T..., como o senhor sabe?

Até hoje, sinto a crueldade da contrapergunta: “como o senhor sabe?”

– Porque sou continuou o velho Rolando Adão Carmito, o *senhor* se lembra de mim? Estou com câncer – carcinomatose generalizada –, já desenganado...

Claro, como poderia esquecer-me do dileto companheiro da meninice, competidor dos nossos campeonatos de futebol de botão, disputados eu, o locutor esportivo no porão da minha velha casa do bairro dos trabalhadores portuários. Três ou quatro anos mais moço do que eu! Silentemente, pousei a mão na fronte do meu amigo. Lágrimas jorraram nas duas faces, as mensagens silenciosas do adeus último, da despedida sem-palavras que ficou entalada na garganta. Partiu. À entrada na Santa Casa de Misericórdia de Santos, fora o profissional importante, cheio de si. Como sai? Pequeninho, acabrunhado, coração apertado...

Desde o acontecimento, quando entro na enfermaria tenha dois ou mais leitos, sozinho ou acompanhado de alunos percorro com o olhar os demais pacientes, um a um; cumprimento-os, perguntando-lhes, antes que àquele que me cabe examinar: Como vai? Assim, o paciente do leito vizinho sentirá menos o alheamento, a indiferença, do homem do avental branco.

Arary da Cruz Tiriba

é professor titular, aposentado,
em atuação voluntária, da Universidade
Federal de São Paulo/Escola Paulista
de Medicina. Membro Emérito
da Academia de Medicina de São Paulo.
Membro da Sociedade dos Médicos
Escritores (Sobrames)

O negro e a Revolução de 1932

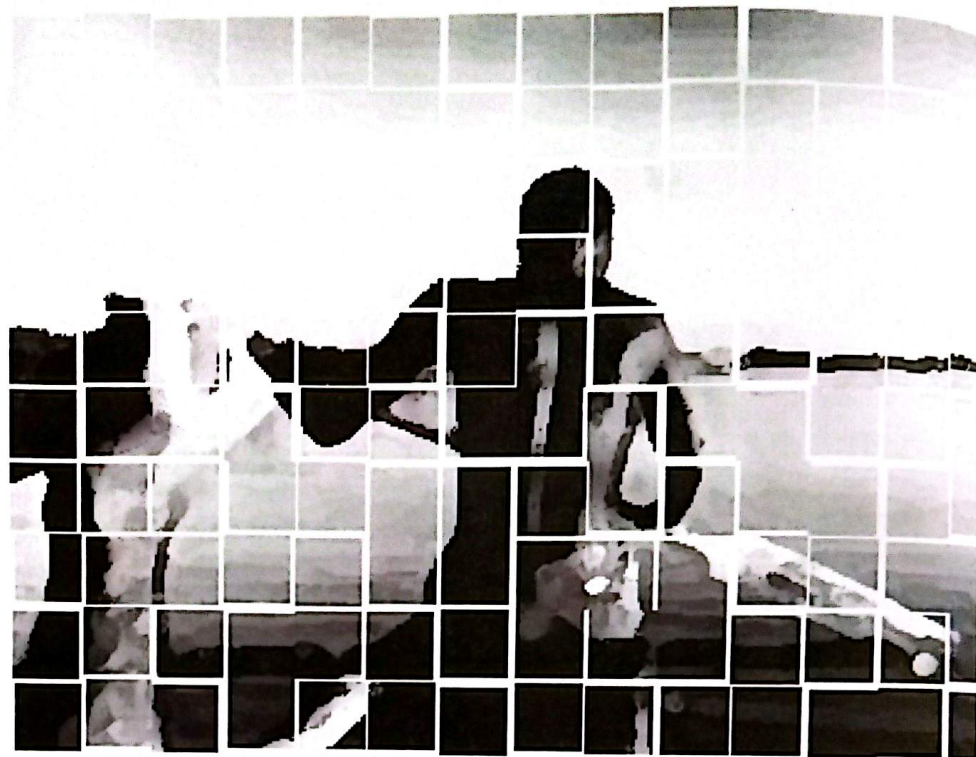
Duílio Battistoni Filho

Um dos capítulos mais desconhecidos da Revolução paulista é aquele relacionado à participação do negro nesse evento. Para ter-se uma base do que essa arregimentação dos paulistas negros representou, é preciso considerar o alto grau de organização que já apresentavam antes da deflagração do conflito.

Sabe-se que, por volta de 1910, já se tentava criar a *Federação dos Homens de Cor*. Nos anos de 1920, era comum a presença de oradores negros nas refregas sindicais, nos embates com os imigrantes, principalmente durante as comemorações do 1º de maio. Reuniam-se em associações como a *Frente Negra*, que oferecia aos associados serviços médicos, odontológicos e hospitalares, mantendo em funcionamento escolas, creches, farmácias e ambulatórios, além de reivindicar empregos e monumentos. O *Diário da Manhã* de Santos, em sua edição de 7 de abril de 1932, noticiava a reunião do Conselho Deliberativo da Frente Negra daquela cidade, que disponibilizava a todos os seus membros cursos de alfabetização, português, aritmética, história do Brasil, geografia, piano e violino. Oferecia também sua farmácia e ambulatório, bem como os serviços do médico Assis Correia e do cirurgião-dentista José Fernandes Rosa, ambos negros.

A verdade é que os “homens de cor”, como eram denominados na época, falavam sobre e para si mesmos. Provavelmente, não queriam apenas ter acesso a direitos de cidadania, mas participar dos destinos da nação.

O grande líder negro, nessa ocasião, foi Joaquim Guaraná de Santana, um ativista



da Frente dos Negros Brasileiros que, algumas horas antes do início das hostilidades, em 9 de julho de 1932, fundou, no Rio de Janeiro, o Partido Radical Nacionalista, com a idéia de unir os descendentes da raça negra no plano político-social. O partido foi instalado na sede do Centro Alagoano, que funcionava ironicamente na Rua da Constituição, 59.

Coube a Santana também criar e coordenar, em 15 de julho de 1932, a *Legião Negra* de São Paulo, cujo quartel-general ficava na Chácara do Carvalho. Essa organização atuou como entidade civil até o início dos anos de 1950. A imprensa prestava enorme auxílio aos seus objetivos. O jornal *Tribuna Negra* era o porta-voz de suas reivindicações políticas e sociais, e a *Platéia*, órgão de propaganda. Os negros de Campinas também contavam com o *Getulino*, jornal de grande penetração na cidade e região.

Ao participar da Revolução, a Legião Negra conseguiu mobilizar centenas de homens e mulheres, apesar de muitos de seus membros manifestarem apoio a Getúlio Vargas. Contudo, foi organizado um efetivo que chegou a ter 1.600 combatentes e enviados à zona de combate. A verdade é que a Revolução daria oportunidade a que a Legião Negra almejassem um lugar ao sol, lutando por mais espaço político, direitos, proteção, prosperidade e uma sociedade justa, sem o ranço do preconceito.

Tendo sido treinada militarmente pelo capitão Gastão Goulart, da Força Pública, com auxílio do tenente Arlindo Ribeiro, do corpo de bombeiros – ambos negros – a legião era formada por dois batalhões compostos de infantes, motoristas e soldados que manejavam baterias de bombardas, tendo o segundo batalhão o nome de *Felipe Camarão*.

É necessário dizer que a adesão da população negra não foi homogênea. Nem todos se alistaram especificamente nesses batalhões. Durante os meses de julho e agosto, organizaram-se, por todo o interior do Estado, delegações da Frente Negra Brasileira e inauguraram-se as chamadas "subscrições pró-soldados constitucionalistas". Várias frente-negrinas alistaram-se como voluntárias nos diversos batalhões formados pelas cidades paulistas. O próprio general Manoel Rabelloa, das forças ditatoriais, após a ocupação militar de Ribeirão Preto, São Paulo, falando ao *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, lembrou que, dos nove mil homens da Força Pública de São Paulo, cerca de seis mil eram nortistas e nordestinos, em sua maioria negros. A Associação Beneficente São Benedito, de Campinas, através de seu presidente, Quirino de Castro, colocou à disposição das tropas constitucionalistas o Hospital da Raça Negra daquela cidade.

Com relação ao número de mortos na Revolução, há pouco tempo circulava nos meios acadêmicos a versão de que havia um grande número de soldados negros e que a Legião Negra tinha sido dizimada. Isso não aconteceu. Os próprios registros fotográficos testemunham tal assertiva.

A revolução de 1932 terminou em derrota e os legionários negros, infelizmente, voltaram para a morada do esquecimento. Mesmo desfilando anualmente, exibindo emblemas e medalhas como parte dos festejos do 9 de julho, voltaram a ser o que já eram: invisíveis para os projetos de poder das elites e, ao mesmo tempo, quase cidadão.

Duílio Battistoni Filho
é membro da Academia
Brasileira de História

Ronda de lembranças

Paulo Bomfim

O Largo de Santa Cecília é ponto de convergência de muitas lembranças familiares. Ali moraram meus bisavós, Guilherme e Sinharinha. Seus vizinhos, na ocasião, eram os pais de D. Duarte Leopoldo e Silva, a prima Anália Teixeira com as filhas, e os Gabus Mendes, cujo filho Otávio, futuro radialista, seria afilhado de batismo dos Lebeis.

Na Igreja de Santa Cecília, fui um dia com Guilherme de Almeida levar nosso adeus a Antonio Batista Pereira. Na cripta, diante do corpo do historiador, o poeta apertou meu braço e murmurou desolado:

— Que desperdício, tanta inteligência, tanta cultura, tanta generosidade, e tudo perdido!

Batista Pereira, das figuras mais fascinantes de cuja amizade privei, íntimo de Eduardo Pardo, Nabuco e Rio Branco, acompanhou o sogro, Ruy Barbosa, em Haia, legando à posteridade livros e depoimentos sobre a história do Brasil que pesquisou e viveu. Sua correspondência com Kipling, Anatole France e Sara Bernhardt perdeu-se, jamais chegando a minhas mãos como desejava.

Quando meus bisavós, saindo da Rua Direita, foram residir no Largo de Santa Cecília, o chafariz feito pelo Tebas, por ordem do Conde de Sarzedas, ainda fazia ouvir o murmurar de suas águas.

A antiga capela, originária de 1861, viria abaixo, para que em seu terreno, 21 anos mais tarde, surgisse a edificação que, por sua vez, em 1901, daria lugar ao novo templo, concluído graças ao empenho de seu terciário vigário, o padre Benedito de Souza. Ali, meu amigo Monsenhor Geraldo Amaral Mello oficiou suas primeiras missas.

Um descendente de heróis da guerra holandesa, D. Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti, instituiu, em 1898, a Paróquia de Santa Cecília, nomeando D. Duarte Leopoldo e Silva como seu vigário.

No coração da basílica, decorada pela pintura de Benedito Calixto e Oscar Pereira da Silva, os ossos de Santa Donata, trazidos de Roma em 1909, por D. Duarte, continuam a atrair a peregrinação dos devotos.

Em torno dos sinos que anunciaram a Independência, gira o carrossel de evocações. O Circo Piolim estende a lona na Rua General Olympio da Silveira. Na Praça Marechal Deodoro, Nelson Gonçalves ensaia as primeiras canções no bilhar de seu irmão Quincas. Namoros nascem na Confeitaria Elite e correm para as matinês do Cine Santa Cecília. A Herbe é ponto de encontro dos boêmios que ensaiam madrugadas.

Mas, quando a boca do metrô silencia e a noite antiga desce sobre o largo, pressinto Guilherme e Sinharinha, rezando o terço, ao som da música de um velho chafariz.

Paulo Bomfim
é Príncipe dos Poetas Brasileiros

Despertando a curiosidade e a criatividade por meio da arte

Claudia Furlani



"Trio" Mista - 90X100 (2004)

A medida que crescemos abandonamos a espontaneidade de nossas expressões. A pintura pode resgatar o lado lúdico esquecido na infância.

Destinadas aos associados da APM e seus dependentes, além do público em geral, as aulas do curso de pintura contemporânea incentivam a livre associação de idéias, a expressão espontânea e até auxiliam no desbloqueio de conflitos internos. Outro fator importante, segundo comentários dos próprios alunos, é o aumento da auto-estima e confiança, complementado pela diminuição da ansiedade e do *stress*. E não é preciso ser artista, nem um talento nato. Basta querer participar. Um bom exemplo é que os alunos bem-sucedidos, em sua maioria, nunca tinham pintado ou desenhado antes de participarem do curso.

Com a utilização de diversos materiais e o conhecimento das mais variadas técnicas de pintura – aquarela, acrílica, óleo, entre outras – o aluno poderá expressar-se de muitas formas. Cada material permite uma gama enorme de aplicações, o que lhe permitirá aprender as técnicas e aplicá-las na prática.

O curso também derruba alguns mitos, tais como o de que a técnica do óleo limita-se ao óleo tradicional. Ou que a técnica da aquarela reduz-se às paisagens de cores transparentes sobre papel branco. É cada vez maior o uso de tintas opacas e da *colagem* integrada às outras técnicas.

Mas, embora muito importantes, técnica e materiais são apenas ferramentas. Ao longo do curso, o aluno

perceberá que aprender a pintar depende mais da prática e menos da teoria.

O aprendizado é construído através de um processo individual, fruto de suas próprias experiências com todas as técnicas e materiais. Cabe ao professor ajudar no resgate da motivação e da curiosidade, duas forças propulsoras do ser humano. Juntas, elas são decisivas para o desenvolvimento da criatividade e para a forma de expressão do artista.

Dentro de cada um existe um artista. Venha descobri-lo aqui na APM.

Claudia Furlani

é artista plástica, professora do curso de pintura contemporânea da Associação Paulista de Medicina

Analogias em Medicina

José de Souza Andrade Filho

Pudim de tapioca. Fécula é substância pulverulenta, farinácea, extraída de tubérculos e raízes e usada como alimento. Tapioca é fécula comestível extraída da mandioca ou do alpin, com que se preparam pratos doces e salgados (*Amélio e Honais*). Os linfangiomas são tumores hamartomatosos de vasos linfáticos, não sendo neoplasias verdadeiras. Podem ocorrer em locais diversos, porém com predileção para a cabeça e o pescoço. Tanto na pele como nas mucosas (cavidade oral e língua), os canais linfáticos dilatados formam lesão elevada, rósea ou acinzentada pelo conteúdo de linfa – líquido proteináceo com alguns linfócitos –, apresentando uma superfície granular, seixosa, que se assemelha a um conjunto de vesículas translúcidas. Essa superfície foi comparada ao aspecto de pudim de tapioca (ingl. *tapioca pudding*) ou de ova de rã (ingl. *frogspann*).

Obreia. Pasta de massa de que é feita a hóstia oferecida na eucaristia (comunhão). Muitas doenças provocam destruição e achatamento do corpo vertebral, tornando-o colapsado e adelgado. O estudo radiológico, tanto em radiografias simples, como em tomografia e ressonância magnética, mostra o resíduo radiopaco da vértebra como placa delgada e esbranquiçada, evocando o perfil de uma hóstia ou obreia (ingl. *wafer-like vertebra*). É também chamada de vértebra plana, de Calvé ou em panqueca e sinal do dólar de prata.

A *vértebra em obreia* pode ocorrer em várias doenças que levam à osteólise e ao desmoronamento do corpo vertebral. Citam-se o mieloma múltiplo, a osteoporose, a doença de Gaucher e de Paget (osteíte deformante), a histiocitose de células de Langerhans (histiocitose X), a tuberculose, ou mal de Pott, e outras doenças infecciosas, a osteogênese imperfeita, as neoplasias primárias e secundárias (hemangiomas, linfomas e metástases), terapia esteróide, traumatismos com fratura por compressão etc.

Gavinha/trepadeira no funículo espermático. Gavinha é órgão de fixação das plantas sarmentosas ou trepadeiras, com o qual se prendem a outras ou a estacas. *Pampinus*, em latim, é substantivo que significa gavinha, trepadeira de gomo de videira ou de renovo da videira.

O plexo pampiniforme no homem é formado por oito a dez veias originadas no testículo e epidídimo, fazendo parte do cordão espermático e do sistema termorregulador do testículo, auxiliando-o a se manter em

temperatura constante. As veias se anastomosam e se enrolam ao redor do ducto deferente como gavinhas. Na mulher, plexo similar ocorre com as veias ovarianas no ligamento largo. Segundo os historiadores, o termo *pampiniforme* foi primeiro usado por Herófilo, no século III a.C., depois por Plínio e também por Vesálio, no século XVI.

A dilatação varicosa do plexo pampiniforme (varicocele) é comum, sendo encontrada em cerca de 10% dos jovens, segundo dados estatísticos. Ao exame clínico, percebe-se uma tumefação que, ao ser apalpada, assemelha-se a um saco de vermes, de coloração azulada através da pele do escroto e, às vezes, acompanhada de sensação de peso e dor escrotal. Ocorre principalmente do lado esquerdo porque neste a drenagem da veia espermática é feita na veia renal, enquanto no lado direito ela se abre diretamente na veia cava inferior e tem menor possibilidade de apresentar valvas incompetentes.

José de Souza Andrade Filho
é patologista, membro da Academia Mineira de Medicina e professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Acaso

Pedro Paulo Camargo

A vi por acaso
 não fiz pouco caso,
 comigo falei,
 com essa....até caso,
 ou...vou ter um caso.
 Ao ver, já gostei,
 ao falar, me apaixonei,
 ao conhecer, amei,
 com essa...eu caso,
 vai ser meu caso,
 meu caso sem ocase!

Não tem mais jeito
 está feito...bem feito!
 É caso terno, é forte,
 é caso eterno, além da morte,
 caso ao acaso,
 sem ocase,
 alguém explica por acaso?
 Tão terno, tão forte,
 tão eterno
 é muita sorte!

Restos de uma saudade

Afiz Sadi

Dias de verão na praia.
 Pensamentos soltos ao léu.
 Um cálice cristalino
 brilha aos raios do sol.
 Conteúdo salineiro
 suavemente degustado
 aguça na solidão.
 Pensamento adormecido.
 Memórias da praia em frente.
 Moçoilas em frenesi.
 Seu balouçar colorido
 do corpo a desabrochar.
 Onde se esvaiu o tempo
 no sopro da vida curta?
 Sobras de velhas memórias
 mantidas no escaninho
 da vida, que fluiu num sopro.
 Vendo o infinito do mar
 na placidez de suas ondas
 hoje, no meu crepúsculo,
 com minhas cãs denunciando,
 restou somente a saudade.

Cantiguinha sem pé nem cabeça

Caetano Lagrasta

Você entrou
 berço e banheira
 maiô passou no carrinho
 piscou para o sol
 rindo para a grande árvore

Tanguilho

Caetano Lagrasta

Apresentei-lhe o ficus
 aquele a quem dedico sonhos
 e se espantaram olhos
 com tamanho verde
 verde
que te quero
 lá pelas cinco
em punto de la tarde verde

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore /
 Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira